

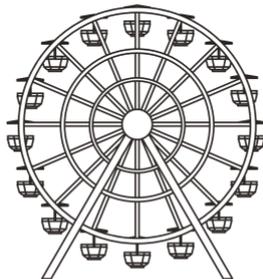
*Se o dia  
não estiver  
sorrindo*



TATIELLE KATLURYN

*Se o dia  
não estiver  
sorrindo*

날이 밝지 않으면



mundocristão

Copyright © 2025 por Tatielle Katluryn

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

K31h

Katluryn, Tatielle

Se o dia não estiver sorrindo / Tatielle Katluryn. - 1. ed. -  
São Paulo : Mundo Cristão, 2025.  
288 p.

ISBN 978-65-5988-413-1

1. Ficção cristã. 2. Ficção brasileira. I. Título.

25-95809

CDD: 869.3  
CDU: 82-97(81):27

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

*Edição*

Camila Antunes  
Daniel Faria

*Revisão*

Ana Luiza Ferreira

*Produção*

Felipe Marques

*Diagramação*

Gabrielli Casseta

*Colaboração*

Guilherme H. Lorenzetti

*Ilustração*

Davi Augusto

*Capa*

Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

**Categoria:** Literatura

1ª edição: março de 2025

Para aqueles que, assim como eu, já pensaram que o amor é para os outros, mas nunca para eles, pois não se sentem dignos de amor por simplesmente serem quem são. Ei, Jesus morreu na cruz para que você e eu fôssemos suficientes nele. Não há nada escuro em nós que a luz do Espírito Santo não possa tocar.

Mesmo se o nosso dia não estiver sorrindo, ele não nos abandonará nem nos rejeitará, pois a alegria dele é a nossa força.



## Nota da autora

Tive medo de que esta história nunca visse a luz do dia. Os primeiros rascunhos nasceram em janeiro de 2023, mas tantas coisas aconteceram ao longo dos meses seguintes: períodos de adoecimento, batalhas internas e externas, o último semestre na faculdade e a sensação de que este livro nunca seria bom o suficiente. A verdade é que eu não estava bem comigo mesma e experimentei dias escuros e angustiantes como nunca tinha vivido. Porém, andar pelo vale me mostrou uma coisa: a presença de Deus não vai embora.

Foi somente através dele e da força do Espírito Santo que me permiti sonhar outra vez e voltar a acreditar neste livro. Debrucei-me sobre ele em meados de 2024 e meus olhos brilharam com a profundidade que encontrei nestas páginas. Eu me vi nas inseguranças e nos complexos de inferioridade da Mackenzie Jones. Também me enxerguei nos traumas e na relação paterna não resolvida de Baek Fletcher. Quando dei por mim, esses personagens carregavam tanto da minha alma que não eu conseguia parar de amá-los. Sim, eles são reais dentro do meu coração, e a jornada de restauração de cada um trouxe cura para mim também!

Oro para que *Se o dia não estiver sorrindo* seja a resposta que você procura, principalmente se o seu coração acredita que não merece ser amado. Jesus nos fez suficientes nele, e este livro mostrará que nenhuma de nossas noites mais escuras pode assustar o

Deus que nos criou segundo a sua imagem e semelhança. Lembre-se de que Jesus continua aqui, ao nosso lado, segurando nossa mão, olhando no fundo de nossos olhos e nos dizendo: *“Eu aceito você e te amo profundamente!”*.



*Se o dia  
não estiver  
sorrindo*

날이 밝지 않으면





## 1

### O dono dos olhos brilhantes que iluminam buracos negros

O que você perguntaria a Deus ao contemplar o pôr do sol da praia de Santa Mônica?

Mackenzie Jones tinha pelo menos meia dúzia de questionamentos em mente. Mas resolveu que, por ora, apenas contemplaria a bela vista à sua frente enquanto pedalava. Naquela tarde, o Senhor parecia ter usado um pincel divino para colorir o horizonte com a mais esplendorosa mistura de tintas de sua imensa coleção na *eternidade*. Era um verdadeiro show de nuvens rosadas e alaranjadas, que cortavam um céu lavanda.

A garota fechou os olhos por um segundo e se concentrou no som das ondas quebrando na praia. A mesma brisa fresca que soprava as águas empurrava os cachos dourados de seu cabelo. Ela abriu as pálpebras e observou as pessoas indo e vindo pelo tablado de madeira. Algumas faziam o trajeto de forma automática, sem prestar atenção na maravilha que as cercava, mas outras, mais atentas, como ela, deslumbravam-se com o entardecer. A menina reduziu a velocidade. Não tinha planejado demorar muito, porém como já estava ali mesmo, poderia se dar ao luxo de passear pelo menos um pouquinho. Uma voltinha.

Estacionou a bicicleta lilás no começo do píer que se estendia para o mar e vagueou pelo lugar. A cada passo que dava, o celular

vibrava no bolso de suas calças jeans, com um intervalo de cerca de cinco segundos entre uma notificação e outra. Mas dizia a si mesma que aquilo não era nada, porque, no fundo, sabia que a mensagem que esperava não chegaria.

Havia tantas pessoas a parabenizando e expressando orgulho por quem ela estava se tornando. Mas, ainda assim, nem sequer um “parabéns” vindo *dele*. Do cara que desapareceu de sua vida sem deixar qualquer pista.

Por que a falta de apoio de uma única pessoa doía tanto, se milhares de outras se alegravam por ela?

Mackenzie suspirou, olhando ao redor. Fechou os olhos por um minuto e inspirou o ar levemente salgado pelo oceano. Quando os abriu, foi tomada outra vez pela beleza da vista.

Ela só queria uma palavrinha. Só uma. Por mais humilhante que fosse pensar assim, sinceramente, era pedir demais? Quando se tratava dele, qualquer nota malfeita em uma canção sem melodia seria capaz de compor uma bela canção.

— Deus... — Ela estreitou os olhos e levantou a cabeça para encarar o céu outra vez, conforme andava pelo píer. — Por que meu coração gosta de ficar insistindo em coisas que eu já deveria ter superado?

Macky demorava séculos para desapegar de qualquer coisa, principalmente daquela amizade fracassada, com um cara dois anos mais novo do que ela. Ainda que seu maior desejo fosse o de que ele se tornasse, definitivamente, uma mera lembrança, como outros já tinham sido.

A verdade é que ela era boa em se apegar às pessoas, e em casos de amores platônicos, ficava ainda melhor. E se ainda por cima se tratasse de um garoto bonitinho e com o mínimo de simpatia, que demonstrasse todos aqueles pequenos sinais que ela, sempre e sempre, entendia — erroneamente — como interesse...

Nesses raros momentos, Mackenzie sentia que talvez a sua aparência nem importasse tanto, embora por dentro se corresse em autocrítica — porque, não, ela nunca foi nada gentil consigo mesma. Havia sido justamente por isso que se tornara especialista em ter o coração partido e em viver se enganando com falsas expectativas.

Na verdade, segundo a própria Mackenzie, ela nem se apaixonou tantas vezes assim. Só havia tido uns três amores platônicos... ou quatro. Pois já dera muitos tiros no escuro antes, e era boa em errar o alvo. Mesmo sendo cristã desde criança, seu coração era facilmente iludido e tinha certa dificuldade em enxergar que, em quase todas aquelas vezes, teria se envolvido em um jugo desigual.

Para se esquecer das paixões, costumava fazer uma famosa oração que toda jovem cristã já deve ter proferido ao menos uma vez na vida:

— *Oh, Deus, se não for para ser, tira do meu coração!*

E, na maior parte das vezes, estava na cara que não era para ser coisa nenhuma e que seu maior erro era confiar no próprio coração, em vez de confiar *naquele* que o criou.

O problema era que, quando se apaixonava, Mackenzie ficava tão cega que não enxergava as ciladas em que estava se metendo, e já havia um bom tempo aguardava pelo dia em que o amor platônico do momento cairia em si e se daria conta de que tudo de que sempre precisou estava bem à sua frente o tempo todo — ela, é claro —, mas era lerdo demais para notar.

É estranho que a mera compreensão do abismo entre esses devaneios e a realidade nunca tivesse passado pela cabeça de Mackenzie, mas seu melhor amigo, diferentemente dela, percebia tudo.

E nele doía. Doía muito.

Ela sabia disso porque foi o que ele disse na última discussão que tiveram. Mackenzie ficara chateada e se recusara a aceitar que ele estivesse certo.

Com essa lembrança, ela suspirou e andou até o final do píer. Só parou quando uma multidão a impediu de continuar. Centenas de pessoas rodeavam dois homens de pé sobre caixotes de madeira. Estavam mais altos do que a plateia, que os contemplava atentamente enquanto falavam alguma coisa para o público com entusiasmo e paixão.

*O que estavam fazendo?*

Ela fitou um dos rapazes à sua frente. Ele tinha o cabelo comprido, na altura do pescoço, e os olhos meia-lua eram mais brilhantes do que estrelas explodindo para dar vida a novas constelações. A garota levou uma mão aos lábios, surpresa.

*Não pode ser!,* ela pensou. *Será possível?*

Chegou mais perto. Seu coração se contraiu. O *coreano*, aquele verdadeiro fantasma, falava apaixonadamente para o público, como se todo o ser dele dependesse disso. O cérebro de Macky paralisou.

*Mas o que está acontecendo?*

A garota sentiu um leve tremor no olho direito e levou a mão até ele, perguntando-se se não estaria prestes a ter um treco.

O que teria trazido aquele garoto, que era tão *tímido*, agora com braços *tatuados*, de volta à Califórnia?

Ela se aproximou rapidamente, como se um ímã invisível a tivesse puxado com força, e engoliu em seco ao mirar as mangas da jaqueta laranja arregaçadas, o zíper aberto exibindo uma camisa branca, a gola preta ressaltando os fios de seu cabelo. Contudo, o que mais chamou a atenção dela foram os desenhos: uma mulher segurando uma criança no antebraço esquerdo e um ramo de lavandas no pulso direito.

Àquela altura o corpo dela tremia inteiro. Ela sentia falta dele, mas não sabia explicar o motivo. Pensava que o laço que um dia os unira havia se quebrado. Talvez fossem aqueles olhos angulares que carregavam um brilho capaz de iluminar um buraco negro. Ou talvez as mechas de seus cabelos compridos dançando com o vento frio do entardecer. Quem sabe fossem as conversas que tiveram na adolescência, quando falavam sobre *As Crônicas de Nárnia* e teciam centenas de teorias a respeito do que fariam se tivessem um guarda-roupa mágico no sótão, quando ele queria tanto fugir de sua dura realidade.

Mackenzie não compreendia no momento, mas a questão é que sempre haverá uma pessoa cuja ausência pesará a ponto de sufocar, como se o próprio ar fugisse dos pulmões. Resta a sensação de falta de escolha, uma sensação que, ainda que consideremos irracional, idiota ou imerecida, simplesmente absorve o coração. Para isso não existem barreiras, nem o lugar onde se vive. Ninguém nunca pode parecer tão *perfeito* ou *inquebrável* a ponto de não ter o coração partido por alguém que não o mereça.

O problema é que, nesse jogo da saudade, o rapaz ganhara todas as partidas e estava louco para dizer a ela o que havia guardado dentro de si desde que sumira.

— *Baek Fletcher?* — murmurou ela, e naquele segundo os olhares dos dois se encontraram. Mais uma estrela havia nascido daquela explosão.

Mesmo assim, Mackenzie não entendia. Por que ele estava falando para a multidão sobre um nome do qual prometera manter distância? Por que estava falando de *Jesus*?



## 2

### **O sorriso capaz de clarear o lado mais escuro da lua**

Mackenzie Jones encarou Baek Fletcher totalmente petrificada e boquiaberta. Ele a mirava de volta do mesmo modo.

Baek tinha ido embora de sua vida havia exatos três verões. Ela achou que aquele seria o quarto sem vê-lo, já que nunca tivera notícias dele e, depois de um tempo de intenso sofrimento pela partida abrupta do melhor amigo, não fizera mais questão de procurá-lo. Era sua maneira de tentar proteger o pobre coração, mesmo que seu corpo e sua alma quisessem desesperadamente saber onde ele havia se metido.

O que teria feito durante o sumiço? Será que havia se apaixonado por alguém? Assim como ela, Baek nunca estivera em um relacionamento. Ele sempre foi mais reservado e não era dado a flertes, mesmo não tendo vindo de uma família cristã. Aquele era o tipo de coisa que ela vivia se perguntando, embora não soubesse exatamente por que ficava tão afetada com a mera possibilidade de que ele tivesse alguém.

Mas lá estava Baek sobre um caixote como se fosse uma aparição do além. Ela foi obrigada a piscar os olhos para acordar do torpor, quando o celular vibrou no bolso de suas calças jeans tamanho quarenta.

— Vou desligar isso! — Macky resmungou ao pegar o celular, e depois desligou o aparelho.

Desde o dia anterior não parara de receber parabenizações por ter sido aprovada em primeiro lugar na Escola de Medicina da Universidade Stanford, uma das instituições mais disputadas dos Estados Unidos. Faria, finalmente, o tão sonhado doutorado em Medicina, após ter cursado as disciplinas obrigatórias do bacharelado que escolheu em sua *Pre-Med*, o programa preparatório para sua pós-graduação. Foram os anos mais exaustivos de sua vida. Fazia de tudo para tirar notas máximas, além de participar de trabalhos voluntários, acompanhar residentes no hospital universitário e tornar seu nome conhecido ao desenvolver pesquisas científicas na área de oncologia infantil. Ela precisava ser vista e se destacar para ser admitida.

O homem que mais a incentivou a perseguir seu sonho estava ali, sobre aquele caixote, em carne, osso e uma beleza incontestável, ainda que ela nunca ousasse dizer isso em voz alta. Macky engoliu em seco e não teve tempo de pensar em mais nada, pois Baek Fletcher falou com sua voz potente, que dava para ouvir de longe:

— Agradecemos muito pela atenção de vocês nesta tarde! O fato de terem parado para nos escutar alegrou muito o coração de Deus, podem ter certeza disso. Ah, e antes que eu me esqueça, convidamos a todos para estarem conosco no culto de domingo da nossa igreja! Serão muito bem recebidos, e o missionário Ryu estará lá conosco! — O rapaz distribuiu alguns panfletos para a multidão, com um sorriso simpático.

Os convites esgotaram em segundos. Baek deu um pulo do caixote, ajeitou os cabelos lisos e andou na direção de Mackenzie.

— Com licença, senhoras! — pediu ao passar entre algumas mulheres que estavam no grupo de ouvintes.

As pessoas foram se afastando para dar passagem, e o tempo

parou naqueles segundos em que ele andava até a garota cacheada, cujo coração se agitou como se desse três mortais carpados no cume do Monte Everest.

Nenhum dos dois ousava piscar. A menina, na verdade, nem sequer se movia, a não ser pelo olho direito que tremia involuntariamente. Ela estava tão nervosa! E se morresse bem ali de infarto fulminante?

*Seria possível?*

Seu coração dizia que sim. Macky estava se sentindo sufocada, e um embrulho tomou seu estômago. Ela não sabia se era uma de suas típicas crises de gastrite ou alguma outra coisa.

— *Mackenzie?* — O nome dela dito pelos lábios finos de Baek Fletcher era mais uma contraindicação.

Espera aí.

Havia um *piercing* no lábio inferior do rapaz? E uma argola em cada orelha dele? *Santo Deus!* Ele havia mudado tanto. Como era possível?

Bem, só o fato de ele falar em nome de Jesus já era chocante o suficiente.

As pessoas ao redor estavam hipnotizadas pelo casal que se olhava fixamente, até que o missionário que acompanhava Baek, um senhor também coreano, as atraiu de novo para si e começou a orar por algumas delas. Seu inglês não era perfeito, mas elas não se importavam. Só queriam que ele as tocasse nos ombros e ministrasse algumas palavras de bênção em suas vidas.

— *Baek?* — Sem se dar conta, Mackenzie desaprendeu a respirar.

— Como você está, *Macky?* — O apelido era tão comum e costumava ser dito por todos que fossem íntimos dela ou de sua família, mas quando falado por ele se assemelhava à turbina de um foguete antes do lançamento.

Ela mal podia acreditar que ele estava à sua frente. Bem mais

alto que ela, os ombros largos, as tatuagens nunca vistas emoldurando os braços fortes... Porém, ainda com os mesmos olhinhos brilhantes, reservados, e os dentes branquinhos que lhe davam um aspecto de coelho fujão, o que ele de fato era.

— E-e-eu... — a garota gaguejou, nervosa. — Preciso ir! A minha vizinha está me esperando. — Deu três passos para trás e se afastou.

— *Espera!* — Ele estendeu a mão e a tocou no pulso, o que a deteve.

Faíscas pareciam sair daqueles dedos calejados. Será que ele ainda pintava aquarelas? Como sentiu falta dele a segurando carinhosamente!

— Podemos nos ver depois? Seria bom se pudéssemos conversar antes de... — Ele deu de ombros e deixou a frase no ar.

Naquele momento, Mackenzie Jones esqueceu como se conversava. Em inglês ou português. O pior era que não sabia absolutamente nada de coreano. Só assentiu com a cabeça, o que logo a fez se arrepender, porque notou que ele sorria animado. Tudo culpa *daquele bendito sorriso* capaz de clarear o lado mais escuro da lua.

— Isso é um sim? — Baek inquiriu mantendo o sorriso frouxo. — Posso ir à sua casa mais tarde? Queria tanto ver os tios e os seus irmãos.

Mackenzie nem teve coragem de responder. Virou-se de costas e o deixou falando sozinho. Acelerou o passo e tentou andar o mais rápido possível, mas sem parecer que estava fugindo de um bandido — afinal, ele também havia cometido um crime: *prometera que nunca a deixaria e foi embora*. E, depois disso, o que restara de seu coração?

Apenas frangalhos que aceleraram quando ouviu a voz rouca de Baek a chamando pelo nome outra vez.